

# REMANESCENTES CULTURAIS AFRICANOS NO BRASIL

Sônia Queiroz  
UFMG

## RESUMO

Panorama dos estudos sobre o negro no Brasil, do ponto de vista da cultura e das línguas, destacando-se as publicações, iniciadas somente ao final do século XIX. Abordam-se também os congressos, que se realizaram principalmente na década de 1930, e os centros de estudos africanistas que se formaram em algumas universidades brasileiras a partir da segunda metade do século XX. Observa-se a precariedade dos estudos lingüísticos nesse campo, os quais, em sua maioria, se ocuparam da influência das línguas africanas no português brasileiro. Quanto aos núcleos de resistência cultural afro-negra ainda remanescentes no Brasil, com raras exceções, só a partir do final do século XX vêm merecendo a atenção de nossos pesquisadores, paralelamente à valorização da diversidade étnica e cultural na formulação de leis e na implementação de políticas públicas no País.

## PALAVRAS-CHAVE

*cultura afro-brasileira, estudos africanistas, resistência cultural.*

Do choque das culturas lusa e africana resultou uma variedade de situações, um espectro cultural que não é nem podia ser a civilização brasileira que se tornou moda postular ou projetar, alguns de toda boa fé outros simplesmente por intolerância. Este espectro de culturas é talvez a riqueza mais insuspeita do Brasil.

*Olabiya Babalola Yai*

Introduzido no Brasil durante mais de três séculos pelo tráfico escravo, por muito tempo o negro africano constituiu, com seus descendentes, alta percentagem da população do País, tendo sido um dos elementos mais ativos na formação da cultura brasileira. Apesar disso, nem sempre mereceu a devida atenção de nossos antropólogos, historiadores, lingüistas, enfim, daqueles que, direta ou indiretamente, se ocupam em definir nossa cultura. Assim, é comum entre nós a mentalidade assimilacionista, que privilegia a tradição européia e relega nossos índios e negros ao plano das simples influências, como se nossa cultura os precedesse, o que, levado às últimas conseqüências, corresponde a dizer que a civilização brasileira é anterior ao próprio descobrimento do Brasil!

Por isso diríamos que é preciso *redescobrir* o Brasil. Ou, nas palavras de Olabiyi Babalola Yai,

seria preciso, como o exige a bela fórmula de Carlos Drummond de Andrade, ‘reinventar os nagôs e os latinos’! Reinventar também os tupis, os guaranis, etc. (...) É, por assim dizer, se não uma exigência, uma ambição de renovação cultural pluralista. Ao invés de ser um cadinho de onde sairia uma cultura nacional às custas de perdas, de assimilação, de intolerância e de menosprezos gratuitos, o Brasil poderia dar ao mundo o exemplo de um pluralismo cultural em que os homens são mais eles mesmos quando vivem plenamente suas culturas próprias e são conseqüentemente capazes de melhor conhecer e de viver as dos outros.<sup>1</sup>

Exemplo claro da pouca importância atribuída ao negro brasileiro é a absoluta escassez de trabalhos sobre ele até os fins do século XIX, fato observado por quase todos os estudiosos do assunto, sobretudo nos trabalhos que tratam especificamente da história dos estudos africanistas no Brasil.

Somente a partir do final do século XIX, portanto, é que começam a surgir pesquisas sobre o regime jurídico da escravidão, o tráfico negreiro, a procedência étnica, os grupos lingüísticos, os costumes e as religiões dos africanos trazidos para o Brasil. Até então,

com exceção dos artigos e livros que trataram do problema da Abolição, analisando-o, quase sempre, do ponto de vista econômico, ou, algumas vezes, imbuídos de certo idealismo romântico, de caráter sentimental, nada de concreto acerca do negro brasileiro fora (...) escrito.<sup>2</sup>

*A Escravidão no Brasil*, de Perdígão Malheiro, publicado pela primeira vez em 1867, é um exemplo da emergente preocupação em ver o negro não apenas como máquina econômica, mas sobretudo como objeto de ciência, postura que encontrará em Sílvio Romero outro de seus grandes defensores. É, no entanto, Nina Rodrigues que inaugura os estudos científicos sobre o negro no Brasil.

Já no final do século XIX, o grande estudioso dá início à publicação, na *Revista Brasileira*, dos resultados de suas primeiras pesquisas sobre o assunto, que abrangem questões históricas, etnográficas, médicas e sociológicas. Entretanto, sua obra máxima, *Os Africanos no Brasil*, só será publicada em 1933, quase trinta anos após sua morte. Embora limitado às “hipóteses de trabalho” de sua época, dominada pelas teorias evolucionistas, que o levaram a falar de uma “inferioridade antropológica” do negro e de uma “degenerescência” da mestiçagem, idéias inadmissíveis para os nossos dias, Nina Rodrigues tem o grande mérito de, além de inaugurar o enfoque científico da questão do negro no Brasil, ser o “pioneiro na abordagem de fenômenos de cultura e de aculturação ao identificar o caráter ‘híbrido’ de instituições e costumes, de mitos e crenças, de ritos e liturgias, de linguagem dos negros”.<sup>3</sup>

Nessa fase pioneira, destaca-se também Manuel Querino, cuja abordagem o distingue profundamente de Nina Rodrigues: enquanto este considera o negro como um ser inferior, aquele, negro também, empenha-se em elevar os seus irmãos de cor à posição que realmente

<sup>1</sup> YAI. Aspectos particulares da influência de culturas nigerianas no Brasil em literatura, folclore e linguagem, p. 100.

<sup>2</sup> OLIVEIRA. Desenvolvimento dos estudos africanistas no Brasil, p. 111.

<sup>3</sup> AZEVEDO. Uma nova negritude no Brasil?, p. 122.

ocuparam na colonização do Brasil. No entender de Waldir Freitas Oliveira, “não foram até hoje escritas palavras mais sensatas e judiciosas acerca do desempenho e da contribuição do negro no curso da História do Brasil que as de Manuel Querino”<sup>4</sup> em “O Colono Preto como Fator da Civilização Brasileira”, comunicação apresentada ao VI Congresso Brasileiro de Geografia, reunido em Belo Horizonte em 1918.

No início do século XX, excetuando-se o aparecimento de Artur Ramos, continuador do trabalho de Nina Rodrigues, nada de muito importante surge na área, e os estudos africanistas só são retomados na década de 30. Em 1934, Gilberto Freyre publica *Casa Grande & Senzala*, dando início, na opinião de Thales de Azevedo<sup>5</sup>, a uma nova antropologia cultural e a uma nova história social, aberta ao reconhecimento da presença cultural, social e biológica do negro no Brasil. Realizam-se dois congressos afro-brasileiros, o primeiro em Recife, em 1934, e o segundo na Bahia, em 1937. Destacam-se, então, numerosos pesquisadores, entre os quais os brasileiros Edison Carneiro, Renato Mendonça, Dante Laytano, Mário de Andrade, Aidano do Couto Ferraz e os estrangeiros Donald Pierson, Melville J. Herkovits, Roger Bastide e Pierre Verger.

Nas décadas seguintes, com maior ou menor intensidade, continuaram a surgir trabalhos na área, tendo-se desenvolvido sobretudo os estudos sobre as religiões afro-brasileiras, entre os quais se podem citar, por exemplo, os de Roger Bastide e Pierre Verger e, mais recentemente, Yvonne A. Velho. Também se desenvolveram muito os estudos das relações raciais no Brasil, destacando-se as pesquisas de Florestan Fernandes, Oracy Nogueira e Otávio Ianni.

Em 1959, funda-se na Universidade Federal da Bahia o Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO –, que se torna o mais ativo centro de formação de africanistas no Brasil, tendo montado uma biblioteca especializada, promovido cursos de extensão sobre a história, a geografia, a sociologia e a economia da África e criado um importante intercâmbio de pesquisadores entre o Brasil e a África. Entre as atividades desenvolvidas pelo CEAO, destaca-se ainda um amplo programa de publicações, em que se inclui a criação, em 1965, da revista *Afro-Ásia*, que, para Waldir Freitas Oliveira, “se tornaria, muito em breve, a mais importante publicação periódica sobre assuntos africanos e afro-brasileiros editada na América Latina”.<sup>6</sup>

Mais tarde criam-se o Centro de Estudos Africanistas, da Universidade de São Paulo, que, entre outras atividades, mantém um programa de pós-graduação, e o Centro de Estudos Afro-Asiáticos, da Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, que possui uma biblioteca considerada a mais completa em periódicos, conferências e comunicações e edita a revista *Estudos Afro-Asiáticos*. De criação posterior, o Centro de Estudos Afro-Brasileiros, da UFMG, promoveu em novembro de 1981 o 1º Encontro Nacional de Centros de Estudos Afro-Brasileiros, que se realizou em Belo Horizonte e teve como um de seus objetivos principais “unir esforços, apoiar e incentivar as iniciativas de estudo e pesquisa que venham

---

<sup>4</sup> OLIVEIRA. Desenvolvimento dos estudos africanistas no Brasil, p. 112.

<sup>5</sup> AZEVEDO. Uma nova negritude no Brasil?, p. 122.

<sup>6</sup> OLIVEIRA. Desenvolvimento dos estudos africanistas no Brasil, p. 116.

a contribuir para *despertar a consciência* nacional para o papel histórico e atual dos povos africanos e seus descendentes com relação ao Brasil”.<sup>7</sup>

Percebe-se, portanto, que o desenvolvimento atingido pelos estudos afro-brasileiros não é ainda suficiente para evidenciar o papel real do negro na sociedade brasileira.

No que diz respeito aos estudos lingüísticos, nossa situação é ainda mais precária, embora eles tenham recebido certo impulso na década de 30 — quando se publicam os livros considerados clássicos no assunto. É importante observar que a grande maioria desses trabalhos se ocupa da influência das línguas africanas no português brasileiro, na tentativa de definir até que ponto os negros foram os responsáveis pela diferenciação lingüística que se verifica entre Portugal e Brasil. Aí se incluem *O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa* e *O Negro Brasileiro e Outros Escritos*, de Jacques Raimundo, publicados pela primeira vez em 1933 e 1936, respectivamente; *A Influência Africana no Português do Brasil*, de Renato Mendonça, cuja primeira edição é de 1933; “Os Africanismos no Dialeto Gaúcho”, de Dante Laytano, saído na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, em 1936; de Nelson de Senna, o artigo “Africanismos no Brasil”, publicado na *Revista de Língua Portuguesa*, em 1921, e o livro *Africanos no Brasil*, de 1938; *O Elemento Negro*, de João Ribeiro, saído em 1938, e as “Contribuições Afro-Negras ao Léxico Popular Brasileiro”, que Adelino Brandão publica na *Revista Brasileira de Folclore*, em 1968.

A partir da década de 70, destacam-se os trabalhos de Yeda Pessoa de Castro, que, em 1976, na Universidade Nacional do Zaire, defende a tese *De l'Intégration des Apports Africains dans les Parlers de Bahia au Brésil*. Trata-se do

primeiro estudo apresentado por um professor-pesquisador brasileiro para obtenção de um título de pós-graduação em universidade africana, visando, ao mesmo tempo, reabrir o capítulo que parecia encerrado com as obras publicadas na década de 30 sobre o influxo de línguas africanas no português do Brasil.<sup>8</sup>

De volta ao Brasil, Yeda Pessoa de Castro vem divulgando os resultados de suas pesquisas através de artigos, conferências e livro.

A questão da influência africana no português do Brasil é também tratada em capítulos de obras de caráter mais genérico, dedicadas ao estudo da língua portuguesa ou da presença do negro em nossa cultura.

Quanto aos falares africanos sobreviventes no Brasil — em que normalmente se misturam línguas africanas e o português —, pouca ou quase nenhuma atenção têm merecido da parte de nossos estudiosos. Antônio da Costa Peixoto registra, em manuscritos de 1731 e 1741, a existência de uma língua veicular de base ewê na região de Vila Rica.<sup>9</sup> Em 1933, Nina Rodrigues, no já citado *Os Africanos no Brasil*, publica um vocabulário básico de cinco línguas sudanesas — grunche, jeje, hauçá, kamíri e tapa — colhido em Salvador. Rodolfo Garcia, no Iº Congresso Afro-Brasileiro, realizado em 1934, apresenta um pequeno

<sup>7</sup> Encontro Nacional de Centros de Estudos Afro-Brasileiros, 1981. Os grifos são meus. Não tenho informações sobre a atuação deste centro de estudos nos últimos anos, e creio que ele foi desativado.

<sup>8</sup> Assim se refere a própria autora à sua tese de Doutorado, na Introdução ao seu livro *Falares africanos na Bahia*. Cf. p. 15.

<sup>9</sup> O trabalho só foi publicado em 1945, em Lisboa, por iniciativa de Luís Vieira.

vocabulário nagô que teria sido colhido em Pernambuco, mas sobre o qual não fornece nenhuma informação precisa.<sup>10</sup> Em 1938, João Dornas Filho publica na *Revista do Arquivo Municipal*, um vocabulário quimbundo – acompanhado de observações sobre a morfo-sintaxe do “dialeto” – colhido em Itaúna, Minas Gerais.

Além desses vocabulários, há o trabalho de Aires da Mata Machado Filho, *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais*, publicado pela primeira vez em 1943, sobre o que ele chama o “dialeto crioulo” de São João da Chapada, município de Diamantina. O material registrado pelo Prof. Aires é reexaminado do ponto de vista lingüístico por Maurizio Gnerre, no artigo “O *Corpus* dos Vissungos de São João da Chapada (MG)”. Alguns desses vissungos – cantos entoados pelos negros no trabalho da mineração – foram gravados em 1982 por Clementina de Jesus, Doca e Geraldo Filme, no LP *O Canto dos Escravos*, da Eldorado. Ao final da década de 90, a Associação Cultural Cachuera! gravou, na voz do Sr. Ivo Silvério da Rocha, contramestre do Catopê de Milho Verde (distrito do Serro), três cantos que constituem a primeira faixa do CD *Congado Mineiro*, lançado pela Itaú Cultural, na série Documentos Sonoros Brasileiros.

Os professores Carlos Alberto Vogt, Peter Fry e Maurizio Gnerre, da UNICAMP, desenvolveram também uma pesquisa sobre a língua falada pela comunidade negra do Cafundó, no estado de São Paulo. Seus primeiros resultados estão registrados nos artigos “Cafundó: uma Comunidade Negra que Fala até Hoje uma Língua de Origem Africana”, publicado no número 2 da revista *Estudos Lingüísticos*, em 1978; “Las Lenguas Secretas de Cafundó”, saído no número 9 de *Punto de Vista*, em 1980; e “Cafundó: Creole (?) Death or Change?”. O resultado final da pesquisa está no livro *Cafundó: a África no Brasil*, publicado pelos dois primeiros autores em 1996.

Tem-se vaga notícia de duas outras pesquisas sobre línguas usadas por comunidades de origem africana em Minas Gerais, embora nada se tenha publicado ainda a respeito de seus resultados. Em 1976, o jornal *Estado de Minas* divulga que um grupo da Universidade Federal de Juiz de Fora, coordenado pelo Prof. Mário Roberto Zágari, vinha estudando uma língua de origem africana falada em Milho Verde, distrito do Serro. Na mesma região mineradora (Vale do Jequitinhonha), no município de Chapada do Norte, ainda segundo matéria publicada no *Estado de Minas*, em 24 de abril de 1983, o americano John David Wyatt reuniu material sobre um dialeto banto usado ali como “único meio de comunicação”.

Entretanto, segundo observou o Prof. Maurizio Gnerre, por ocasião do II Congresso Nacional de Socio- e Etnolingüística, realizado em 1979, em Niterói, não são poucas as ocorrências desse falares mistos, que, ainda pouco explorados, constituem um campo de pesquisa fértil.

Considerando-se, ainda, a escassez de informação referente aos africanos vindos para o Brasil como escravos – já que foi queimada a documentação oficial relativa ao tráfico, em obediência à Circular de 13 de maio de 1892, do Ministério da Fazenda – e a quase inexistência de documentos lingüísticos do período da escravidão, a descoberta e o estudo desses casos de resistência cultural revestem-se de grande importância, na medida em que podem “contribuir de modo positivo para um conhecimento maior da história do

---

<sup>10</sup> Publicado no volume 1 de *Estudos Afro-Brasileiros*, editado no Rio de Janeiro, em 1935, pela Ariel.

negro no Brasil e modificar, conseqüentemente, a visão elitista ou conformada que em grande parte brancos e também negros alimentamos sobre a questão”<sup>11</sup>. São, portanto, uma fonte essencial para a determinação dos grupos de africanos que concentravam nas diversas regiões do País seus remanescentes culturais, tais como os cultos religiosos, o artesanato, a música, a dança, a língua.

## REMANESCENTES AFRICANOS EM MINAS

No caso específico de Minas, onde realizei meu trabalho sobre a língua da Tabatinga, constituem farto material para pesquisa as comunidades negras mais ou menos isoladas, formadas, em geral, a partir de quilombos ou em conseqüência da segregação racial imposta pelo Governo Régio, que, temeroso do elevado número de negros e mulatos aqui existentes no século XVIII, chegou a

obrigar os pretos e mestiços forros ou libertos a habitarem bairros separados do convívio dos brancos. Daí, o fato de ainda se conhecerem pelo nome de ‘Arraial-dos-Forros’ certos subúrbios do antigo Tejuco (Diamantina), Serro, Ouro Preto, Sabará, Paracatu, etc.<sup>12</sup>

Na primeira metade da década de 80, realizei pesquisa na comunidade da Tabatinga, periferia de Bom Despacho, Oeste de Minas. Os moradores da Tabatinga, predominantemente negros, utilizavam, em situações especiais – de lazer, sobretudo diante de brancos moradores de outros bairros, de classe social superior – uma língua afro-brasileira: base gramatical do português rural brasileiro e vocabulário africano, ao que parece de base quimbundo.<sup>13</sup> Por ocasião dessa minha pesquisa, pude identificar em Minas, por meio da bibliografia consultada, 10 núcleos de resistência cultural afro-negra, apresentados na Figura 1.

Em artigo publicado em 1938, João Dornas Filho dá notícia de uma localidade em que se verifica o fenômeno da resistência cultural africana em Minas: o povoado de Catumba, no município de Itaúna<sup>14</sup>. Considerado por ele ruínas de um quilombo, o vilarejo era, à época em que foi escrito o artigo, habitado unicamente por negros que, vivendo completamente isolados, falavam entre si um dialeto proveniente do quimbundo.

Aires da Mata Machado Filho, também na década de 30, recolheu em São João da Chapada letra e melodia de 65 cantigas entoadas pelos negros no trabalho da mineração e nos funerais. Segundo o pesquisador, os vissungos, como são chamados esses cantos, “distribuem-se em três grupos: o primeiro constituído de peças em puro ambundo;<sup>15</sup> o segundo, mais numeroso, com palavras nativas dos africanos, misturadas com vocábulos

---

<sup>11</sup> VOGT; FRY e GNERRE. Cafundó: uma comunidade negra que fala até hoje uma língua de origem africana, p. 12.

<sup>12</sup> SENNA. Contribuições para a ethnologia brasileira: os negros (elementos de origem africana e seus descendentes), p. 141.

<sup>13</sup> Embora não tenha feito um estudo etimológico do vocabulário, pude perceber evidências sobre sua base quimbundo.

<sup>14</sup> DORNAS. Vocabulário Quimbundo, p. 143-150.

<sup>15</sup> O termo adequado aqui seria *quimbundo*, pois *ambundo* é a designação da etnia.

vernáculos; o terceiro em puro português do Brasil”. Ao lado desses cantos, os negros sanjoanenses conservavam uma “língua d’Angola” ou “banguela” ou “nagô” — como eles próprios a nomeavam, evidenciando o caráter híbrido da língua.<sup>16</sup>



Figura 1 – Núcleos de resistência cultural afro-negra em Minas Gerais. Somados ao caso da Tabatinga, em Bom Despacho, são pelo menos dez núcleos de resistência cultural afro-negra já localizados em Minas Gerais, muitos deles ainda por estudar.

O Prof. Aires menciona também o povoado de Quartel do Indaiá, a nove quilômetros de São João da Chapada, lugarejo habitado quase exclusivamente por negros, que conservam tradições bantos, como as cafuas – moradias feitas de barro e cobertas de capim ou palmas de coqueiro – e a fabricação de balaios, esteiras e peneiras.<sup>17</sup> O estudo dos vissungos foi retomado esse ano por Lúcia Valéria do Nascimento, mestranda em Estudos Lingüísticos na FALE/UFMG. Acompanhando o trabalho de campo dessa pesquisadora, tive a oportunidade de conhecer as duas comunidades e verificar a permanência de alguns elementos culturais.

Aires da Mata Machado Filho dá notícias, ainda, de um lugarejo próximo a Pitangui, de nome Capivara, cuja população viveu segregada até as primeiras décadas do século XX, apresentando peculiaridades dignas de estudo.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> MACHADO FILHO. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, p. 107.

<sup>17</sup> MACHADO FILHO. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, p. 50-52.

<sup>18</sup> MACHADO FILHO. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, p. 52.

Entre essas comunidades que, isoladas em maior ou menor grau, até hoje conservam tradições africanas, merece atenção especial a dos Arturos, grupo familiar que vive em Contagem, trabalhando em agricultura e pecuária para a sobrevivência e liderando as festas de Congado na região.

Segundo informou a Profa. Norma Smith, da Universidade Federal de Uberlândia, no 1º Encontro Nacional de Centro de Estudos Afro-Brasileiros, promovido pelo Centro de Estudos Afro-Brasileiros da UFMG, e realizado em Belo Horizonte, de 11 a 13 de novembro de 1981, vivia isolado na periferia de Uberlândia um grupo de negros que se dizia de origem moçambicana. Dos seus ascendentes, preservava não só o dialeto, como também documentação escrita, passada de geração a geração.

Em dezembro de 1976 o jornal *Estado de Minas* informava que os negros de Milho Verde, povoado do município do Serro hoje muito conhecido pelo ecoturismo, viviam em choupanas e ainda utilizavam a economia de troca e também um dialeto de origem africana. Na mesma reportagem, afirma-se que em Capela Nova havia outra comunidade com características semelhantes.

Segundo o mesmo jornal, em reportagem saída em 24 de abril de 1983, os habitantes de Chapada do Norte, descendentes de escravos fugidos que ali fundaram um quilombo, usavam ainda um dialeto banto como meio de comunicação.

Patrocínio é outro caso de preservação de dialeto de origem africana em Minas, documentado em artigo publicado na revista *Ciência Hoje* em 1985, em que se mencionam os pesquisadores José Luiz Werneck, professor de História da UFRJ, e o sociolinguísta alemão Jurgen Heye, que teria desenvolvido em 1982 uma pesquisa “sobre fenômenos do tipo calunga em Minas Gerais” e descoberto, “a cerca de 20 quilômetros de Diamantina, duas comunidades que mantêm sua língua de origem, dedicam-se à agricultura de subsistência e têm de 15 a 20 membros”. Outro pesquisador ouvido pela jornalista Rosyane Trotta foi Peter Fry, antropólogo inglês radicado no Brasil, à época escrevendo, em parceria com o linguísta Carlos Vogt, um livro sobre a comunidade negra do Cafundó, interior de São Paulo. No capítulo 8, que trata das “Outras ‘línguas africanas’ no Brasil”, deste livro que veio a ser publicado 11 anos depois, os pesquisadores dedicam 22 páginas à calunga de Patrocínio.<sup>19</sup>

## DADOS ATUAIS

Nos últimos anos, parece ter se renovado o interesse pelos estudos sobre o negro no Brasil. É preciso ressaltar o papel essencial dos movimentos sociais e da nova Constituição Brasileira, que afirma o direito à diferença: escola diferenciada, respeito aos cultos religiosos e manifestações culturais afro-brasileiros.

No âmbito dos estudos da linguagem, foram publicados recentemente 5 livros sobre remanescentes africanos no Brasil: em 1996, pela Companhia das Letras, em co-edição com a editora da UNICAMP, sai *Cafundó: a África no Brasil; linguagem e sociedade*, resultado de pesquisa realizada por Carlos Vogt e Peter Fry sobre a língua afro-portuguesa da

---

<sup>19</sup> VOGT e FRY. *Cafundó: a África no Brasil; linguagem e sociedade*, p. 234-255.

comunidade do Cafundó, no interior de São Paulo; em 97, pela Perspectiva, *Afrografias da memória*, de Leda Martins, sobre a Irmandade do Rosário de Jatobá, em Belo Horizonte (MG); em 98, meu próprio livro, *Pé Preto no Barro Branco: a língua dos negros da Tabatinga*, pela Editora UFMG; em 2000, a Prefeitura Municipal de Sorocaba (SP) publica *Um estudo sociolinguístico das comunidades negras do Cafundó, Caxambu e arredores*, de Sílvio Vieira de Andrade Filho; e acaba de sair pela Topbooks, em co-edição com a ABL, *Falares africanos na Bahia (um vocabulário afro-brasileiro)*, resultado de extensa pesquisa realizada por Yeda Pessoa de Castro no Brasil e no Zaire.

Nesse seu livro, Yeda Pessoa de Castro destaca três outros trabalhos publicados na década de 90: o estudo de Carlota Ferreira sobre os “Remanescentes de um falar crioulo brasileiro: Helvécia-Bahia”, em 94; o *Vocabulário dos Tata n’ Ganga Mukice da Irmandade de N. S. do Rosário do Bairro Jatobá, Belo Horizonte, Minas Gerais*, de Eugênia Dias Gonçalves, em 95; e em 97, de Mary Francisca do Careno, *Vale da Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras*.

Atuando junto ao Congresso Nacional e poderes locais, “no sentido de ampliar a cultura de valorização da diversidade étnica e cultural na formulação de Leis e implementação de políticas públicas,” a Fundação Palmares (vinculada ao Ministério da Cultura) realizou o mapeamento das comunidades remanescentes de quilombos, já tendo sido identificadas 743 áreas, onde vivem cerca de 2 milhões de brasileiros. Destas áreas, 42 já foram reconhecidas e 29 comunidades receberam o título definitivo da terra, segundo informações divulgadas no site da Fundação. Em Minas Gerais, até novembro de 2001, a pesquisa da Fundação Palmares identificou 56 comunidades remanescentes de quilombos. (Cf. <http://www.palmares.gov.br>.)

O que se pode perceber é que o investimento na pesquisa sobre os remanescentes culturais africanos no Brasil acaba por delinear com maior clareza nosso ainda grande desconhecimento sobre a contribuição afro-negra à formação da cultura brasileira e, ao mesmo tempo, a enorme força e alcance dessa contribuição. Eu diria, portanto, que, neste campo de estudos, estamos ainda começando. Mais do que nunca, vivemos um momento de chamada à pesquisa sobre o tema fascinante da pluralidade cultural no Brasil. 

#### ABSTRACT

A panorama of studies about blacks in Brazil, focusing on culture and language as well on the publications on the subject since the end of the 19<sup>th</sup> century. The essay also addresses the conferences organized in the thirties and the African Studies centers created by several Brazilian universities during the second half of the 20<sup>th</sup> century. One can notice the small number of studies in this field, most of them discussing the influence of African languages on Brazilian Portuguese. Most of the researches on the traces of African or black culture in Brazil date from the last decades of the 20<sup>th</sup> century, when new value was ascribed to the cultural and ethnic diversity in the country.

#### KEY WORDS

*afro-Brazilian culture, african studies, cultural resistance.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE FILHO, Sílvio Vieira de. Um estudo sociolinguístico das comunidades negras do Cafundó, Caxambu e de seus arredores. Sorocaba: Prefeitura Municipal, SEC, 2000.
- AZEVEDO, Thales de. Uma nova negritude no Brasil? *Cultura*, Brasília, v. 6, n. 23, p. 118-128. out./dez. 1976.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Negros e quilombos em Minas Gerais*. Belo Horizonte: [Imprensa Oficial], 1972.
- BRANDÃO, Adelino. Contribuições Afro-negras ao léxico popular brasileiro. *Revista Brasileira de Folclore*, v. 8, n. 21, p. 119-28, Rio de Janeiro, MEC, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, mai./ago. 1968.
- O CAMINHO Empoeirado do Díficil Desenvolvimento do Norte de Minas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24, abr., 1983. Economia, p. 1.
- CARNEIRO, Edison. *Antologia do negro brasileiro*. Porto Alegre: Globo, 1950.
- CARNEIRO, Edison. *Ladinos e crioulos; estudos sobre o negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p. 37-41: A costa da mina. (Retratos do Brasil, 28)
- CARNEIRO, Edison. *Religiões negras: notas de etnografia religiosa; Negros Bantos: notas de etnografia religiosa e de folclore*. 2. ed. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1981. p. 110-113: Nação nagô, cadê tua língua? (Retratos do Brasil, 153)
- CARNEIRO, Edison. O negro em Minas Gerais. In: Separata do *Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais*. Rio de Janeiro: MEC/INEB/CBPE, s.n.t. p. 3-18.
- CASTRO, Yeda P. de. África descoberta: uma história recontada. Separata da *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais, v. 23. p. 135-140. 1980.
- CASTRO, Yeda P. de. Os falares africanos na integração social dos primeiros séculos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SÓCIO E ETNOLINGÜÍSTICA, 1, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 1978. (mimeo.)
- CASTRO, Yeda P. de. *Falares Africanos na Bahia* (um vocabulário afro-brasileiro). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2001.
- CASTRO, Yeda P. de. Influências de línguas africanas no português do Brasil e níveis sócio-culturais de linguagem. *Educação*, Brasília, v. 6, n. 25, p. 49-64, out./dez. 1977.
- CASTRO, Yeda P. de. Níveis sociolinguísticos da interação de influências africanas no português. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 3, 1978, Rio de Janeiro. *Conferências...* Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1978. p. 18-21.
- CASTRO, Yeda P. de. A presença cultural negro-africana no Brasil: mito e realidade. *Ensaio/Pesquisas*. Salvador, n. 10, jul. 1981.
- CASTRO, Yeda P. de; CASTRO, Guilherme A. de Souza. Culturas Africanas nas Américas: um esboço de pesquisa conjunta da localização de empréstimos. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 13, p. 27-50, abr. 1980.
- CIENTISTAS da UFJF descobrem uma tribo de africanos perto do Serro. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 maio, 1976. [s.n.t.]

- COUCEIRO, Solange Martins. *Bibliografia sobre o negro brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Centro de Estudos Africanos/CODAC/USP, 1974.
- DÁVILA, Sérgio. Cafundó: terra preta. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14/5/1995. Revista da Folha, v. 4, n. 160, p. 12-17.
- DIAS, Paulo. (Dir. geral de pesquisa.) *Congado Mineiro*. [São Paulo: Cia. de Áudio/Classic Master, 2001.] (Coleção Itaú Cultural. Documentos sonoros brasileiros Acervo Cachuera!, 1).
- DORNAS FILHO, João. Vocabulário Quimbundo. *Revista de arquivo municipal*, [São Paulo], n. 5, v. 49, p. 143-150, jul./ago. 1938.
- ENCONTRO NACIONAL DE CENTROS DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS, 1, 1981, Belo Horizonte. *Objetivos*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1981. (mimeo.)
- FREYRE, Gilberto. Aspectos da influência africana no Brasil. *Cultura*. Brasília, v. 23, n. 6, p. 6-19, out./dez. 1976.
- FRY, Peter; VOGT, Carlos; GNERRE, Maurizio. Mafumbura e Caxapura: na encruzilhada da identidade. In: FRY, Peter. *Para inglês ver; identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. cap. 5. p. 116-135.
- GARCIA, Rodolfo. Vocabulário nagô. In: MENDONÇA, Renato *et al.* *Estudos afro-brasileiros; trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934*. Rio de Janeiro: Ariel, 1935, v. 1, p. 21-27.
- GNERRE, Maurizio. *O corpus dos vissungos de São João das Chapadas (MG)*. [Campinas, 198-] (Cópia xerográfica) Inédito.
- GNERRE, Maurizio. Um pidgin espanhol da amazônia pré-andina. In: SEGUNDO ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA. Rio de Janeiro, 2, 1977. *Conferências...* Rio de Janeiro: PUC, 1977. (mimeo)
- GNERRE, Maurizio; FRY, Peter; VOGT, Carlos. Cafundó: creole(?) death or change? [Campinas, 198-] Inédito.
- LAYTANO, Dante de. Os africanismos do dialeto gaúcho. Separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, v. 16, n. 2, 1936. p. 7-66.
- MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. (Retratos do Brasil, 26)
- MALHEIRO, Perdígão. *A escravidão no Brasil; ensaio histórico, jurídico e social*. 3. ed. Petrópolis/ Brasília: INL/Vozes, 1976. v. 2. (Dimensões do Brasil, 3)
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. [s. l.]: Lucas/Agir, 1946.
- MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1973. (Retrato do Brasil, 83)
- MENDONÇA, Renato. O negro e a cultura no Brasil; breve histórico dos estudos afro-brasileiros de lingüística, etnografia e sociologia. In: HERSKOVITS, Melville J. *et alii.* *O negro no Brasil; trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940. p. 99-125. (Biblioteca de divulgação científica, 20)
- OLIVEIRA, Waldir Freitas. Desenvolvimento dos estudos africanistas no Brasil. *Cultura*. Brasília: MEC, v. 6, n. 23. out./dez. 1976. p. 110-117.

- PEIXOTO, Antônio da Costa. *Obra nova de língua geral de mina*; Publ. e apres. Luís Silveira. Com. Fil. Edmundo Correia Lopes. Lisboa: Agência geral das colônias, 1945.
- PEREIRA, João Baptista Borges. Estudos antropológicos e sociológicos sobre o negro no Brasil. In: HARTMAN, Thebla; COELHO, Vera Pentead. (Org.) *Contribuição à antropologia em homenagem ao Prof. Egon Schaden*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Fil., Letras e Ciências Humanas, 1981. (Col. Museu Paulista, Série ensaios, 4)
- PEREIRA, João Baptista Borges. A folclorização da cultura negra no Brasil. In: simpósio etnia e racismo, 1981, Brasília. *Comunicações...* Brasília: UNB/EAFORD. 26-27 fev. 1981.
- QUEIROZ, Sônia. *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.
- RAIMUNDO, Jacques. Sugestões. In: HERSKOVITS, M. J. et al. *O negro no Brasil*; trabalhos apresentados ao II Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940. p. 359-363. (Biblioteca de Divulgação Científica, 20)
- RAMOS, Arthur. *Introdução à antropologia brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1962, v. 3, cap. 9: A aculturação negra, p. 136-153.
- RAMOS, Arthur. *As culturas negras no novo mundo*. 3. ed. São Paulo/Brasília: Editora Nacional/INL, 1979. (Brasiliana, 249)
- RAMOS, Arthur. Nina Rodrigues e os estudos negro-brasileiros. In: HERSKOVITS, Melville J. et al. *O negro no Brasil*; trabalhos apresentados ao II Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940. p. 337-339. (Biblioteca de Divulgação Científica, 20)
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 4. ed. São Paulo/Brasília: Nacional/INL, 1976. (Brasiliana, 9)
- ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. [s.l.]: MEC/INL, 1963.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense. (Col. Primeiros Passos, 7)
- SENNA, Nelson de. Africanismos no Brasil. *Revista de Língua Portuguesa*, n. 10, mar. 1921, p. 159-163.
- SENNA, Nelson de. *Africanos no Brasil*; estudos sobre os negros africanos e influências sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro. Belo Horizonte: Of. Gráf. Queiroz Breyner, 1938.
- SENNA, Nelson de. Contribuições para a ethnologia brasileira: os negros (elementos de origem africana e seus descendentes). *Revista de Língua Portuguesa*, n. 22, p. 136-149, mar. 1923.
- SILVA, Rosa V. M. Aspectos do contacto lingüístico no Brasil. *Universitas*, Salvador: UFBA. n. 24. jan./mar. 1979. p. 83-95.
- SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2. ed. melh. e ampl. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: MES/INL/Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

TROTTA, Rosyane. Calunga: um segredo de pai para filho. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, SBPC, v. 3, n. 16, p. 88-90, jan./fev. 1985. É bom saber.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. *Cafundó: a África no Brasil; linguagem e sociedade*. São Paulo, Campinas: Companhia das Letras, Ed. da UNICAMP, 1996.

VOGT, Carlos; FRY, Peter; GNERRE, Maurizio. Las lenguas secretas de Cafundó. *Punto de vista*. n. 3, v. 9, 1980. p. 26-32.

VOGT, Carlos; FRY, Peter; GNERRE, Maurizio. Cafundó: uma comunidade negra que fala até hoje uma língua de origem africana. *Estudos lingüísticos*, Bauru, Fac. de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus de Bauru, n. 2, p. 11-19, 1978.

YAI, Olabiyi Babalola. Aspectos particulares da influência de culturas nigerianas no Brasil em literatura, folclore e linguagem. *Cultura*, Brasília, MEC, v. 23, n. 6, p. 94-100, out./dez, 1976.